

A BATALHA

Director interino: ALBERTO J. COELHO
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 95\$00; Província, 3 meses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

Esperanças que se esfumam

Aquele entusiasmo, aquela febre com que não há muito tempo se falava de grandes melhoramentos, não apenas na capital por iniciativa do município, mas do próprio governo, parece que está passando. Achemos o caso de mau agouro porque em Portugal para se realizar uma obra, por muito pequena que seja, é costume desperdiçar-se uma tonelada de palavras.

E' pena que esse entusiasmo vá passando porquanto ele constituía até certo ponto uma solução para a crise de trabalho pavorosa que há tanto tempo asseverba a classe operária, sem que os poderes públicos esboçem um gesto que denuncie preocuparem-se a sério com o problema.

A crise de trabalho não tem tido solução nem dá mostras de que venha a tê-la nestes tempos mais cheios. O operariado, a braços com a miséria, não encontra, para qualquer dos lados que se volte, uma taboia de salvação. E' um naufrago sem socorro.

Não admira, pois, que o povo, acotado pela fome, emigre quasi em massa. Portugal é hoje, para o proletariado, um vasto deserto onde se perece à mingua de tudo. No deserto não há esperança, embora surjam uma vez por outra, miragens enganadoras. Uma dessas miragens foi esse entusiasmo com que para aí se falou em abertura de canais, construção de portos, reparação de estradas e outras obras de utilidade pública. Mas, como todas as miragens, esta vai-se evolvendo, desfazendo, em fumo, em nada, sem que no prato das famílias dos trabalhadores caia uma cêdeja miséria com que entreter a fome.

Os mais arroçados, perante esta desolação, aventuraram-se a procurar no outro continente o que aqui não encontram. E' também uma doce miragem, quantas vezes bem amargamente enganosa que os atrai. Mas enquanto na alma as doces ilusões fazem ninho o estômago ilude-se e julga-se repleto.

São factos desta natureza que provocam formidáveis catástrofes sociais. E parece que são aqueles que por mais alto estarem, melhor deveriam enxergar este panorama de miséria que mais se empenham, não sabemos porque cega teimosia, em nada quer ver.

Oxalá não seja demasiado tarde quando principiem a ver alguma cousa.

Declaração

Em face da atmosfera de desconfiança e suspeição que se pretende criar, por intermédio da imprensa burguesa, à volta da Comissão de Estudo à Batalha, vem esta comissão declarar publicamente que é falso e calunioso tudo quanto até à data se tem dito ou publicado a seu respeito, visto que por enquanto ainda em nada de positivo assentou.

Está procedendo simplesmente a um inquérito preliminar e só depois deste terminado é que elaborará um Parecer para ser apreciado em reunião do Conselho Confederal, o qual será ou não por este aprovado.

Mais declara a comissão que não pretende praticar represálias nem mesquinhas vinganças pessoais, seja contra quem for, e porisso todas as medidas que venha a preconizar no seu Parecer não serão ditadas pelo desejo de ferir este ou aquele indivíduo, mas de assegurar a vida e a orientação revolucionária do jornal A Batalha.

A Comissão de Estudo à "Batalha".

O Suplemento da "Batalha"

E' mais um número esplêndido do Suplemento Literário de A Batalha que amanhã se publica. Apresenta esmerada colação.

«O homem e os seus fantasmas», discutida peça teatral que tem suscitado as mais variadas opiniões, é analisada por Jesus Peixoto com a imparcialidade que lhe é peculiar. Ladislau Batalha publica um artigo formidável sobre as ideias novas e ideias velhas em Portugal. Além de muitos artigos interessantes, insere ainda curiosas respostas ao inquérito sobre a mulher, as secções de Actualidades, Chico, Zeca & C.º, O que todos devem saber, etc.

"A Batalha" no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redidos a administração de A Batalha.

A QUESTÃO DA PESCA

A sardinha voltou a aparecer na costa do Algarve, mas continua latente a ameaça da invasão das "parelhas" espanholas que a afugentam

O nosso sócio correspondente de Vila Real de Santo António dava-nos ontem esta agradável notícia: «Na costa do Algarve tem aparecido nos últimos tempos bastante sardinha. Os galeões portugueses têm feito boa colheita. Devido a esse facto as fábricas de conserva de Vila Real de Santo António, encerradas há muito tempo por falta de matéria prima, começaram a sua laboração!»

E' com grande satisfação que registamos esta notícia. Ainda não há muitos meses que uma missão jornalística nos levou àquela província. A falta de peixe trouxe para a população a maior miséria. Milhares de trabalhadores ficaram privados de trabalho e por esse motivo milhares de pessoas ficaram sem pão.

De Vila Real de Santo António a Lagos, por todo o litoral algarvio, a fome era grande. Uma percentagem de nativos emigrou, outra abandonou as profissões bloqueadas pelo chômage e foi refugiar-se noutros mistérios em procura de alimento.

A fome trouxe a prostituição. Pelas ruas deparavam-se mulheres entregando seu corpo ao primeiro que esportulasse. Em Olhão vimos nós uma noite algumas crianças oferecendo seu frangino corpo ao cavaleiro que lhe desse «qualquer coisa para levar para casa, pois seu pai há mais de um ano que não trabalhava!»

Na mesma vila, outrora tão rica e abundante, assistimos nós a um espectáculo doloroso: uma mãe que oferecia sua filha!

E tudo isto porque não havia peixe e as fábricas não trabalhavam. Tudo isto porque a sardinha emigrava, acossada pelas parelhas espanholas!

Destruída a fauna marítima, nuestros hermanos desapareceram. As águas territoriais portuguesas deixaram de ser invadidas pelos espanhóis.

Não havia sardinha, não havia, por consequência, trabalho. No entanto de quando em vez o ruído trágico dos batéis espanhóis cortava o silêncio das populações algarvias.

E os protestos, os anátemas, as investidas contra os visitantes eram incisivos, cortantes como lâminas! Mas tudo sossejava quando as oceânicas águas voltavam à sua habitual dolência!

Agora voltou a sardinha. A densa nuvem que pairava no horizonte dissipou-se. Respira-se melhor. Há trabalho, há alegria e satisfação. O Destino vai ser menos feroz para os algarvios.

Porém a perspectiva de uma nova invasão dos galeões espanhóis não desapareceu de todo. A costa vai ser batida pelos pescadores do país vizinho. O que quer dizer que a sardinha irá desaparecer.

Verificamos já que o processo usado pelas parelhas espanholas destrói a riquíssima fauna marítima. E a sardinha que escapa ao extermínio emigra. Logo, se amanhã voltarem a ser batidas as águas portuguesas, a fome para as classes trabalhadoras voltará com as suas trágicas consequências.

Esta hipótese é prevista pelo nosso correspondente na carta que nos envia e é da qual extraímos os seguintes elucidativos trechos:

«E se as constantes invasões dos galeões espanhóis persistirem, com toda a certeza que a sardinha voltará a desaparecer e a crise de trabalho provocará um novo período de fome!»

Já marcamos a nossa posição face ao problema. O mar não pode ser delimitado. O seu recheio não é pertença deste ou daquele país. Se assim fosse a sardinha criada na costa portuguesa não emigraria para parte desconhecida.

Todavia, dando a espanhóis, franceses, italianos ou russos o direito que lhes reconhecemos como internacionalistas que somos, não podemos aceitar que alguém venha às águas territoriais portuguesas buscar o que falta para a existência dos nativos região.

Se a sardinha abundasse na costa algarvia admitia-se que os espanhóis levassem o excedente. Mas, sendo ela já por si insuficiente para a vida da população, muito especialmente das classes trabalhadoras, temos de convir que a acção nos nossos vizinhos só cava a ruína nos naturais algarvios.

Por isso agora como ontem condenamos a atitude dos pescadores espanhóis, tanto mais que dela não vão aproveitar as classes operárias, mas sim o industrialismo, como ainda havemos de explicar.

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Luta económica em vez de expressão ideológica

Como alguns camaradas se propuseram esclarecer doutrinas, não só por este facto, mas ainda porque consideram que aqueles que defendem a Unidade se deixaram embalar pelo canto das sereias, a quem reconhecemos todavia como sinceros, eu peço venha para opor contestação, porque pode parecer que sou dos que se deixaram embalar, visto também defender a Unidade. Sindicalismo, bem entendido, de contrario não diria, no que respeita à contradição, por entender que outros com melhor vantagem, o têm feito e o farão.

É lógico esperar da inteligência e cultura dos ilustres depoentes sobre sindicalismo revolucionário uma coisa bem diversa da argumentação cosmesina, insubstancial e infantil, que fazem, dum detalhe de circunstância inicial, para defesa da sua tese do Sindicalismo anarquista.

Para certos camaradas, a demonstração de que o sindicalismo revolucionário é anarquista consiste no facto de que o indivíduo ao entrar para o sindicato revolucionário se sobrepõe ao Estado e protesta contra a autoridade do patrão, etc., pelo que faz anarquismo, libertarismo, embora inconscientemente.

Ora isto é que é comensinho. E a aceitar tal critério teríamos que o próprio comunista, comunista de Estado, marxista, porque eu também sou comunista visto que desejo a posse comum do solo e meios de produção bem como o usufruto comum do produto do trabalho, mas o próprio marxista, como dizia, é anarquista, porque também entra para o sindicato e, porisso, se sobrepõe ao Estado e protesta contra o patrão.

Tudo o indivíduo, afinal, se pode considerar anarquista. Todo o homem que pensa, sente e quer tem, dentro de si, constantemente, em litígio, estas duas tendências: autoritária e libertária, dependendo a sua manifestação apenas da situação que ocupa em relação aos outros. E a qualidade de anarquista não se adquire mercê dum facto instintivo, transitório, dependente da condição de assalariado, que varia constantemente por não ser uma condição inata, por sentimento, ou fixada por educação.

O anarquista não pode ser apenas o agente inconsciente de factores ocasionais, imediatos, que determinam a sua atitude, mas o autor consciente, embora por evolução consequente daqueles factores, que procede sempre de harmonia com o ideal que sente e que concebe. Mas, dado de barato que assim fosse, que o indivíduo, ao entrar para o sindicato revolucionário, se tornava *ipso facto* anarquista, isto, só por si, não provava nem prova que o sindicalismo revolucionário seja anarquista.

Dizem os meus antagonistas «que o sindicalismo revolucionário é por contextura, por indole, por qualidade intrínseca, anarquista, libertário». Não é verdade. Definamos: O que é o Sindicalismo? É a doutrina que define a acção sindical. É o sindicalismo revolucionário? A mesma doutrina, do movimento sindical, integrada no espírito da luta de classe.

A concepção revolucionária provém daí, porque actua regendo o colaboracionismo de classes. Mas tem um objectivo? Tem sim senhor: Abolição do Estado capitalista e do patronato. Logo o sindicalismo revolucionário é o porque contém intrinsecamente o germe que há-de destruir todas as instituições burguesas, substituindo-as pelos órgãos que vai criando e alargando para se adaptarem e manterem a sociedade futura. E' revolucionário por isto e ainda porque exerce a sua acção li-

vre da tufela dos partidos políticos ou correntes filosóficas.

Isto não quer dizer que o Sindicalismo não tenha sofrido a influência das correntes revolucionárias que nele actua mais directamente, aceites como inspiração e não como tutela, e das quais aproveita tudo que lhe é mais adaptável para constituir o seu processo de luta, adquirindo então uma filosofia muito própria. O sindicalismo é um meio para a emancipação dos trabalhadores. E precisamente porque é um meio, ele só pode e deve preocupar-se com os fins a atingir e não com as características especiais da sua tática que são simples acessórios de combate, que são questões de forma e não de substância. Atribui-se-lhe princípios. Há quem brade constantemente os princípios e táticas sindicais—apresentando estas como uma coisa rígida, imovível, das quais se não deve afastar. Ora o Sindicalismo não tem princípios, tem objectivos, e as suas táticas são sempre actuais, são sempre oportunas, porque são aquelas que conduzem com mais rapidez e eficiência ao fim em vista.

Pretendem então que o Sindicalismo (revolucionário) é, «por contextura, por indole e qualidade intrínseca anarquista»? Discordo.

O Sindicalismo revolucionário é, por contextura, marxista; por indole e qualidade intrínseca tem tanto de libertário como de autoritário.

O facto dos trabalhadores se agruparem para a defesa dos seus interesses e na qualidade, apenas, de produtores assalariados e não por afinidades ideológicas, está perfeitamente identificado com o conceito materialista da história, formulado por Marx.

Esse conceito consiste na seguinte definição: «O modo material de produção determina todo o processo moral, social e espiritual dos povos». Esta fórmula conduz em linha recta ao conceito autoritário, bem sei. Porque, modificado o modo material de produção, teríamos modificado brusca e automaticamente todo o processo moral, social e espiritual da sociedade.

Os anarquistas partem dum ponto diametralmente oposto, considerando aquele modo de produção, a consequência das necessidades morais, sociais e espirituais dos povos; porisso o põem em segundo plano, preocupando-se em criar no indivíduo a consciência da sua individualidade como ponto de partida para a transformação social, e, como tal, a sua acção é mais de evolução. Nem uma nem outra teoria se deve admitir, mas o conjunto das duas.

Este exclusivismo de doutrinas, aplicado ao sindicalismo, leva, pela sua exegética de concepção, a um sectarismo intolerante e absurdo que tem as suas lamentáveis consequências. O Sindicalismo revolucionário tem tanto do centralismo de Marx como do federalismo de Proudhon. A sua contextura, a sua constituição orgânica é marxista e tem a sua determinante: o interesse. O seu ideal é proudhoniano e tem o seu objectivo: a liberdade.

As condições económicas dos trabalhadores e o modo de produção influem no seu carácter e concepções filosóficas e no próprio movimento sindical, o que por seu turno influi e modifica o modo de produção. O contrário seria proclamar o absoluto e o absoluto é o absurdo. Se é certo que o órgão determina a função, não é menos certo que a função desenvolve e adapta o órgão e cria até novos órgãos. Uma e outra coisa são simultâneas e reciprocamente causa e efeito. Nesta questão não podemos ter uma visão unilateral.

O ESCÂNDALO DE "O SÉCULO"

PEREIRA DA ROSA ACUSA OS OUTROS DE PRATICAREM AS IMORALIDADES QUE ELE PRÁTICA

«O Século» ao serviço do Banco de Portugal praticou os mesmos crimes que o «Notícias» ao serviço da Moagem — O caso Marang e a defesa que «O Século» fez dos interesses tenebrosos — de Alfredo da Silva — O escândalo do século ou a decadência do capitalismo —

O escândalo do Século continua na ordem do dia. E' certo que Pereira da Rosa não quer que lhe chamem escândalo. Mas este é tão grande que se impõe aos olhos de toda a gente. E' escândalo e dos maiores escândalos. Há uns anos a esta parte que aquele jornal só se pode qualificar por essa palavra sintética—escândalo. Escândalo lá se a maneira como o grupinho voraz lá se instalou, escândalo tem sido a acção jornalística exercida por aquela gente que obedece às ordens do aventureiro Pereira da Rosa.

Lemos o editorial que eles ontem publicaram. Era tudo em resposta ao jornal da moagem. Ontem unidos, hoje desavindos. Só agora Pereira da Rosa reconhece que o Diário de Notícias usa de processos jornalísticos torpes. Só agora o reconhece porque o grupo Pereira da Rosa se zangou com a moagem. Há dias usava O Século para os mesmos assuntos de processos ainda mais ignominiosos.

O Diário de Notícias tem-se portado de uma maneira torpe ante o julgamento de Marang. E' verdade. Publicou fotografias falsas, deturpou os acontecimentos para bem defender o Banco de Portugal. Também é verdade. O Século tem razão em acusar o seu ilustre colega Diário de Notícias de todas essas infâmias. O jornal da moagem é incontestavelmente, neste momento, o órgão dos falsificadores do Banco emissor. Teve caradas de razão, aquele Pereira da Rosa... Mas não se recorda o chefe do «grupo dos três» das deturpações, para intrigas, das mentiras que propalou para defender a mesma causa nojenta que o Notícias agora está tão empenhado em defender?

Decididamente aquele Pereira da Rosa está esquecido como burro. Então essa campanha, de que ainda se vangloriam ontem, contra o Angola e Metrópole não obedecia à mais escandalosa das razões? Não se apoiava em motivos igualmente nojentos?

O Século mentiu tão escandalosamente como o Diário de Notícias. Atacam Pinto de Magalhães, cujas investigações iam lesar os seus interesses suspeitos visto que poriam a nu a culpabilidade dos homens do Banco de Portugal. Atacou Marang, publicando biografias falsas e inventando factos

a seu respeito que nem sequer se enunciam no julgamento cujo epílogo se representou ante-ontem na Hala. Com que autoridade moral Pereira da Rosa, que lançou suspeitas sobre Pinto de Magalhães e afirmou que era alemão o capital do Angola e Metrópole, se insurge agora contra o Diário de Notícias por este aceitar nas suas colunas as tendenciosas informações que da Hala lhe envia um director suspeito do mais que suspeito Banco de Portugal?

O Diário de Notícias, procedendo como procede agora, comete um crime porque engana a opinião pública. Merece por esse motivo a execração de toda a gente de bem. Mas não a do sr. Pereira da Rosa.

Porque se o Notícias falseia a verdade para servir o Banco de Portugal e a moagem, também o sr. Rosa mentiu, falseou a verdade, pediu a cadeia, para todos os criminosos—do número dos quais se exceptuou modestamente—para servir os interesses sórdidos de Alfredo da Silva.

Ora a moagem é criminosa; a moagem envenena o povo; a moagem defende o Banco de Portugal porque deseja alcançar-lhe favores financeiros; a moagem é um cancrio. O Diário de Notícias servindo-a de uma maneira repugnante merece—como muito bem disse O Século de ontem— a repulsa das pessoas que têm a consciência e as mãos limpas. Mas estarão o Rosa e o seu grupo suficientemente limpos para sentir essa repulsa?

Vejamos ainda: Alfredo da Silva é um homem tenebroso. E' mais do que tenebroso, é fatal para a colectividade portuguesa. Não tem escrúpulos—tem dinheiro, tem a Companhia União Fabril, tem relações com sindicatos italianos, tem falta de honestidade, tem inúmeros interesses capitalistas a defender. E Pereira da Rosa, ainda que isso lhasse os interesses da chamada União dos Interesses Económicos, defendeu no Século todos os negócios torpes de Alfredo da Silva, desde as suas ambições sobre o porto de Lisboa aos interesses da C. U. F., aos entendimentos com a Società di Emigrazioni Italiana que ambiciona Angola. Tudo o Século defendeu ao atacar o Angola e Metrópole—como se Alfredo da Silva fosse com seus pertences uma instituição

O Prémio Nobel

foi distribuído com todo o cerimonial

OSLO, 11. — O soberano distribuiu ontem, com todo o cerimonial, os Prémios Nobel, de física, química e literatura. Bernard Shaw foi representado pelo embaixador britânico. — (L.)

Briland pacifista...

GENEIRA, 11. — Entrevistado acerca da concessão do Prémio Nobel, que lhe foi conferido, bem como ao general Dawes, o sr. Chamberlain manifestou a sua grande apreciação por tal honra, porque ela representa uma aprovação internacional nos seus esforços pela paz.

Chamberlain acrescentou que representantes de sete potências têm contribuído para os bons resultados obtidos, especialmente os sr. Briland e Stressmann, sendo como o maior prazer que tem associado os seus esforços aos daqueles estadistas.

O sr. Stressmann mostra-se muito grato à honra concedida, visto ser o primeiro alemão a quem é concedido o Prémio da Paz, declarando ter toda a esperança de que o futuro justifique a expectativa do presente.

O sr. Briland limitou-se a dizer, ao ser interrogado pelos jornalistas: «Há dois anos que os sr. Chamberlain e Stressmann, eu próprio e outros colegas, trabalhamos continuamente para garantir a paz da Europa e do mundo. — (L.)

A situação na China

Os diplomatas conferenciam...

XANGAI, 11. — Realizou-se ontem a primeira conferência do novo ministro da Gran-Bretanha na China com o titular da pasta dos negócios externos do governo de Cantão, Eugénio Chen.

Embora se guardem as naturais reservas é lícito supor que nessa entrevista o representante da Inglaterra expôs os pontos de vista do gabinete de Londres para alcançar um resultado que satisfaça os dois governos.

Esta manhã, o sr. Eugénio Chen recebeu em Hankow os ministros do Japão e dos Estados Unidos, respectivamente os sr. Saburi e Mayer. — (Lusit.)

Universidade Popular Portuguesa

Os corpos gerentes desta instituição, em virtude da proibição pela autoridade da primeira lição do curso «Fisiologia do trabalho» que o sr. dr. João Camoes devia iniciar no dia 25 último na secção que a Universidade tem instalada na sede do sindicato da construção civil, procuraram o sr. presidente do ministério a fim de lhe expor os fins da Universidade Popular Portuguesa e saber se esta instituição educativa podia prosseguir livremente na sua obra. O sr. presidente do ministério informou que bastaria para isso enviar ao Comando Militar e ao Governo Civil a comunicação da realização dos trabalhos que fosse enviada aos jornais.

Em virtude desta resposta do sr. presidente do ministério vão recomençar os trabalhos da Universidade.

mais lícita e honesta do que o Angola e Metrópole.

Ligados aos interesses do Alfredo da Silva estavam os interesses de todos os potenciais enormes e imorais do câmbio político-financeiro que tem o país fechado na mão. Estavam os interesses do Banco Ultramarino, tão falsário como o de Portugal, estavam os da casa Tota, os da casa Burnay, os da fina flor do capitalismo português. E Pereira da Rosa, em nome dos sagrados interesses da nação, desta nação esmagada sob o peso das ambições do capitalismo, ajudava a estrangular o povo trabalhador, defendendo os maneios dessa malandragem.

E a quem não o seguia nessa defesa da imoralidade e da ignomínia aticava a escriba que o serve, o palavroso Adelino Mendes que, por fazer artigos vazios de ideias, os conseguia encher com todos os interesses mesquinhos, reles, repugnantes. E como nós lhe descobrimos a manobra veio ameaçar-nos de tiros de pistola, julgando que nós faria calar.

O sr. Rosa disse ontem pela pena do escriba de pataco que era muito fêto. Sim, será, para se bater com os homens da moagem ou com os parvos das forças vivas que depois de o deixarem ficar com O Século nas unhas ainda lhe ficam a dever dinheiro. Sim, ele será homem para eles. Mas não o é para nós que não temos a mesma moral. Moagens, forças vivas e grupinho Rosa equivalem-se moralmente. Foram feitos uns para os outros. E talvez Pereira da Rosa—lealmente o reconhecemos—seja melhor do que eles, porque ainda os intruja como merecem e como se está vendo.

Mas admitindo a hipótese de que na luta em que se empenhou venha a triunfar, o triunfo não o absolverá dos crimes que lhe pesam na consciência, e a vida do Século não deixará de ser um caso escandaloso que vem empocalhando a desorada burguesia capitalista que não tem já direito a existir.

O escândalo do Século—o escândalo do Século XX—o escândalo do século que decorre efectivamente o nome que se deve dar a todos estes factos que denunciam a decadência moral, cada vez mais flagrante, da classe capitalista que nos domina e es trangua.

Foi ontem julgado e absolvido o coronel João de Almeida

A bordo da fragata «D. Fernando» respondeu ontem o coronel João de Almeida. Ser viu para tribunal o gabinete do comandante daquele navio.

Presidiu o general Abel Hipólito, tendo à sua esquerda o juiz auditor sr. dr. Lopes Vieira, e em volta os membros do júri, os generais Norton de Matos, Teixeira Botelho, Ivens Ferraz, Amílcar Moia, José Ernesto Sampaio e Reis e Silva. A defesa esteve entregue ao major Tamagnini Barbosa e a acusação ao coronel Campos Gonzaga. A defesa apresentou a sua contestação, da qual extractamos o seguinte trecho, a título de informação:

«Cingindo-se à letra do libelo, a defesa formula a respectiva contestação nos termos seguintes:

1.º—O coronel do C. E. M. sr. João de Almeida não podia, «no dia 17 de Setembro último, pelas 17 horas, e quando desempenhava as funções de chefe da Reparação de Ligação do Ministério da Guerra», ter praticado o crime referido no libelo, porque, como se constata da guia de marcha apenas ao processo, a fls. 123, e se provaria, com testemunhas, nesta audiência de julgamento, estava a essa data, de licença, que lhe fora concedida por S. Ex.º o Ministro da Guerra, para ser gozada no estrangeiro, tendo deixado o serviço de Ligação às 11 horas e 5 minutos do citado dia 17 e iniciando a viagem, para tal fim, no comboio que, na tarde desse mesmo dia, partiu de Lisboa;

2.º—Embora baste a citação do número anterior como razão justificativa da insubsistência do fundamento da acusação constante do libelo, é de referir ainda que o incitamento, nele atribuído ao sr. coronel João de Almeida, de «militares ao serviço português de terra a levantarem-se contra o livre exercício das faculdades conferidas pela Constituição aos ministros do governo da República, redigindo ou mandando redigir uma mensagem destinada a ser enviada às regiões militares, bem como uma série de reivindicações de ordem política», para a hipótese, absolutamente destituída de base, de ter tido realização, só por errada classificação poderá considerar-se como crime atentatório do livre exercício daquelas faculdades, já porque a posição constitucional daqueles ministros era precária à face das disposições do próprio Estatuto Fundamental da República, já porque se tornou notório o atropelo das disposições aludidas, por parte dos mesmos.

A esta alegação entende a defesa, para bem traduzir as convicções do acusado quanto às ideias do movimento militar de 28 de Maio último sobre recomposições ministeriais, que não era de considerar, para o efeito, a doutrina constitucional, mas sim a expressão da vontade da Força Armada, ou manifestada por meios violentos, como se observou na formação sucessiva dos governos presididos pelos sr. comandante Cabeçadas, general Gomes da Costa e ge-

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Gonçalves VIDAL

(Continua)

TEATRO NACIONAL

HOJE
Telet. N. 3049

COMPANHIA
BERTA BIVAR - ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: — A representação da tragi-comédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand

O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS

Formidável trabalho de

Alves da Cunha
e
Adelina Abranches

geral Carmona, ou pelo recurso a outros meios que menos afectassem a disciplina, como o de uma consulta a todas as unidades do país, que julgou útil sugerir quando foi posto ao corrente do que se provocava, na norma das anteriores, uma nova recomposição do governo. Todavia, não foi acusado quem redigiu ou mandou redigir os citados documentos, pois se limitou a receber, na repartição de ligações, como síntese de muitas reclamações, de diversas origens militares, ali foram levadas as suas conclusões, todas claramente manifestas o descontentamento de numerosos oficiais e várias unidades pelos actos de alguns ministros, tendo autorizado, na manhã do dia 17, que tais documentos se reproduzissem, na repartição que dirigia, em quantidade precisa para serem expedidos às diversas unidades, por intermédio dos comandos das respectivas regiões, uma vez que com a sua doutrina e com essa expedição previamente concordasse o sr. presidente do ministério, o que prova a correcção e lesão do seu proceder no assunto para com sua ex.ª de quem única e directamente dependia.

3.ª — A circunstância do libelo dizer, que a mensagem e a série de reivindicações citadas eram destinadas a ser enviadas às regiões militares e por estas às unidades para serem assinadas pelos oficiais que com elas concordassem, é bem elucidativo de que cunha simples consulta se tratava e também de que, quando por tal forma o acusado pretendesse "incitar militares ao serviço português de terra, a levantarem-se contra a autoridade e livre exercício das faculdades conferidas pela Constituição aos ministros do Governo da República", esse incitamento não chegou a ter realização. Quando muito, e admitindo, foradamente, o caso nos precisos termos do libelo, houve apenas uma tentativa desse incitamento, pelo que a cefesa sustenta não estar o acusado incurso no art. 1.º n.º 4.º da Lei de 30 de Abril de 1912, que é taxativamente aplicável ao facto consumado e não a simples intenção de o praticar, para a qual a Lei referida não estabelece sanções.

A referida contestação apresentava outros argumentos sobre a inculpatividade e o carácter do acusado.

Estranhou-se na audiência que a nota de assentes, apenas ao processo, negasse as condecorações que o coronel João de Almeida possui.

Depuseram várias testemunhas de acusação. As de defesa foram dispensadas.

Os debates não foram extensos.

O promotor declarou que informou não haver motivo para a formação de culpa.

O major Tagagnini Barbosa fez um curto discurso, mostrando a nulidade do processo e declarando não duvidar de que o seu constituinte será absolvido.

Assim sucedeu. Cerca das 19 horas foi pronunciada a sentença que absolvio o coronel João de Almeida.

Vai fundar-se um hospital para crianças

O Diário do Governo de ontem publica o seguinte decreto:

Artigo 1.º E' o governo autorizado a contratar por intermédio da Direcção Geral dos Hospitais Civis de Lisboa com a casa Vereinigte Fabriken C. Maquet Aktiengesellschaft, de Heidelberg, o fornecimento e instalação dum hospital completo para crianças, nas condições a estabelecer entre as duas partes contratantes.

§ único. O respectivo contrato só se tornará válido depois de aprovado em conselho de ministros.

Art. 2.º Para pagamento de todas as despesas respeitantes à aquisição, instalação e funcionamento do referido hospital, é autorizada a Direcção Geral dos Hospitais Civis de Lisboa a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo até a quantia de 800.000\$, à taxa de 9 por cento, amortizável em vinte anos.

Art. 3.º No orçamento do Ministério das Finanças para o ano económico de 1927-1928, e nos dos seguintes, será inscrita a importância necessária para pagamento à Caixa Geral de Depósitos dos juros e amortização do empréstimo a que se refere o artigo anterior.

Escusado será dizer que a iniciativa de um hospital para crianças, num país onde a assistência infantil se encontra relativamente atrasada, não merece toda a simpatia. Oxalá a ideia de agora, que faz principalmente honra ao sr. dr. João Pais de Vasconcelos, seja em breve um facto.

Alcoolismo, embriaguez

I O alcoolismo é uma doença que, progressivamente, diminui a inteligência e a vontade, enfraquece e diminui a habilidade manual, mata, finalmente, o indivíduo vítima das lesões que lhe são especiais, ou das doenças graves para o predispõe.

II Tornam-se lentamente alcoólicos, bebendo todos os dias uma quantidade relativamente pequena de aguardente ou de licor (um ou dois cálices). O envenenamento faz-se então pouco a pouco, subrepticiamente, sem que se perceba.

III Tornam-se rapidamente alcoólicos bebendo frequentemente muita aguardente ou licor, ou grande quantidade de vinho (embriaguez).

IV A embriaguez é a intoxicação temporária pelo álcool. O bêbado deve ser considerado como um homem sem dignidade.

V O envenenamento pelo álcool é muito mais rápido quando se bebe em jejum, mesmo em fraca dose.

Teatro da Trindade
TELEF. T. 976
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO BRAGA
HOJE — às 9 1/4 da noite — HOJE

A representação da comédia em 4 actos de George Sand, trad. de Ramalho Ortigão.

O Marquês de Villemer

A peça mais encantadora de todos os tempos.

Nos principais papéis: LUCILIA SIMÕES, Amélia Pereira, Maria Sampaio, Irene Lairdo, Erico Braga, Joaquim Almeida e Samuel Diniz.

Scenários de Campos & Oliveira e Luz & Almeida.

BILHETES À VENDA

Venda de bilhetes sem locação. — Fautente (toda a plateia) e balcões de 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª; Camarotes: 4000\$, 3000\$ e 2000\$.

Notas várias da Lisboa triste

Queda de um eléctrico

No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo recolhendo depois a casa, caída do Combro, 32. 3.ª, onde foi transportado num auto da Cruz Vermelha, o general Leopoldo Cesar Noronha Gouveia, de 83 anos, que caiu de um eléctrico no Jardim do Tabaco, fracturando a perna direita. Na ocasião do desastre desapareceu um este senar varios objectos de valor que com ele trazia.

Colhido por um eléctrico

No Banco do mesmo Hospital, foi pensada e recolhida a casa, Izabel Maria Sarai, de 77 anos, residente na rua do Carvalho, que foi colhida por um eléctrico, no Rocio, ficando contusa no pé direito.

Um atropelamento

Na sala de observações do Banco do Hospital de S. José deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual aparenta ter 50 anos, tipo de operário, que foi atropelado por um carro eléctrico na rua Direita de Belem, ficando com o crânio fracturado pela base.

Queda de um muro

A sala de observações do Banco do Hospital de S. José recolheu Geraldo dos Santos, de 73 anos, natural da Covilhã, jornalista, residente na rua das Beatas, 42, loja, e que caiu de um muro no Beco dos Peixinhos, fracturando as costelas.

Uma queda a sério

No Banco do Hospital de S. José foi pensado e seguiu para casa, Lino Ribeiro, de 45 anos, actor, residente na rua Nogueira e Sousa, 12, rés-do-chão, que, no Politeama, caiu por um dos alçapões do palco, da altura de 3 metros, ficando contuso no tórax e rosto.

A autópsia do comerciante de Santarem

No Instituto de Medicina Legal realizou-se ontem a autópsia no cadáver de Alfredo Rodrigues de Aguiar, aquele comerciante da Ribeira de Santarem que, como noticiámos, faleceu ante-ontem subitamente na rua do Ouro. O seu funeral saiu ontem mesmo daquele Instituto pelas 15 1/2 horas da tarde para a estação do Rocio, de onde seguiu no comboio para a Ribeira de Santarem.

IMPRENSA

«O Volante»

Sai na próxima terça-feira 14, o número 9 deste jornal de automobilismo inserindo uma boa reportagem da corrida do quilómetro de arranque e outra colaboração de interesse.

Do número 10 em diante «O Volante» começa a publicar uma página de todos os sports confiada ao conhecido jornalista desportivo sr. Artur Ints.

«O Volante» sairá habitualmente com 6 e 8 páginas.

Uma comissão de redactores do jornal «O Sol» pede-nos a publicação do seguinte:

Convida-se todo o pessoal da redacção, administração e tipografia do jornal «O Sol» a reunir na próxima segunda-feira, 13 do corrente, pelas 17 horas, numa das salas do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, rua do Loreto, 13.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação Fernandes da Fonseca.

Hoje, pelas 14 horas, assembleia geral para eleição de corpos gerentes.

Biblioteca de Instrução Profissional

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos..... 15500
Desenho das máquinas..... 25500
Material agrícola..... 13500
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor..... 13500
Problemas de máquinas..... 16500

Construção Civil

Acabamentos das construções..... 16500
Alvenaria e Cantaria..... 13500
Edificações..... 13500
Encanamentos e salubridade das habitações..... 13500
Materiais de construção..... 20500
Terraplenagens e alieceres..... 13500
Trabalhos de Carpintaria..... 16500

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas..... 20500
Foguetes..... 16500
Formador e estucador..... 12500
Fundidor..... 13500
Pilotoagem..... 16500
Indústria alimentar..... 12500
Indústria do vidro..... 12500

Elementos gerais

Algebra elemental..... 13500
Arithmetica practica..... 15500
Desenho linear geometrico..... 12500
Elementos de electricidade..... 30500
Elementos de fisica..... 12500
Elementos de Mecanica..... 12500
Elementos de Modelação..... 12500
Elementos de Projectões..... 16500
Elementos de Quimica..... 12500
Geometria plana e no espaço..... 13500
Fabricante de tecidos..... 13500

Manuais de officios

Galvanoplastia..... 18500
Motores de explosão..... 20500
Navegante..... 16500
Cimento armado..... 25500

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Teatro Maria Vitória
(PARQUE MAYER)
TELEF. N. 3044

Direção artistica de ROSA MATEUS

HOJE: 2 sessões às 20,30 e 22,30

com a deslumbrante e espirituosa revista em 2 actos e 12 quadros

TARIFA 1

FÉRICOS SCENARIOS

BRILHANTE E ARTISTICO CONJUNTO

— O mais alegre e brilhante espectáculo — da actualidade

PREÇOS POPULARES

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 horas — Soirée às 8,45

Estreia da grega ballerina

TERESINA GIRASOL

último sucesso dos teatros sul-americanos

Bailes em pontas e internacionais

O aplaudido actor cómico português

THOMAZ VIEIRA

no seu posto repertório de canções, aneddotas, etc.

Coloroso organo do Instrumento ballarina

EUGENIA FERNANDEZ

RINDOSO EXITO dos distintos artistas

Zulmira Bettencourt e Francisco Costa

Canções, fados, bailes, etc., a companhia por um grupo coral

Concerto pela FOZ MELODY BAND

No «crânio» — A CAÇADORA (6 partes)

PREÇOS POPULARES

MUSICA

O magnifico concerto de hoje no Ginásio

O acontecimento artistico da tarde de hoje é o 5.º Concerto Foz, às 3 horas, vai efectuar-se no Ginásio, com um primeiro programa, revelador do mais requintado bom gosto, e no qual estão incluídas sensacionalíssimas atracções musicais.

Esse programa que executará a magnifica Orquestra Sinfónica Portuguesa, foi, assim, organizado pelo ilustre maestro Fernandes Fão, que dirigirá o concerto:

1.ª parte — *Sinfonia* (Encanto de sexta-feira Santa) *Siegfried* (Murmúrios na floresta) *Meisters Cantores de Nuremberg*, abertura, Wagner.

2.ª parte — *Sonata* (1685-1753, C. S. Back) para violino solo com acompanhamento de corda e orgão. Instrumentação de S. Respighi (1.ª audição em Portugal): allegro Adagio «non troppo» (B. Albeniz) — Violino moderato (O. Giza-Vivace Assai «Violino solo» Luiz Barbosa, Orgão, Sampaio Ribeiro. *Invitation en voyage* Dupare; Para canto e orquestra pela eximia soprano Madame Manuela Pinto Bastos. (Estes números de canto, com orquestra são 1.ª audição).

3.ª parte — *Rapsodia Hungara* (em ré) Liszt *Danças do Príncipe Vjgor*, Borodine.

Para o Concerto Fão de hoje, no Ginásio, estão tomados muitos camarotes e frizes, assim como lugares de plateia, por muitas famílias da Sociedade Elegante, que combinarão dar *rendez-vous* no lindo teatro.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos \$800

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Prejuizo acerca do alcool

Ao contrário do que julga a maior parte das pessoas, o alcool não alimenta nem fortifica. O alcool não contém nenhuma das substâncias nutritivas que existem na carne e nos vegetais.

O alcool não é aperitivo nem digestivo. Em vez de provocar a secreção dos líquidos, destrói, quando não é diluído em água, os princípios activos desses líquidos.

O alcool é excitante, tomado em pequena dose e temporariamente. O calor provocado pela absorção desaparece rapidamente e é substituído por um resfriamento do corpo.

LITERATURA REVOLUCIONARIA

EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo..... 6500

Cuentos de Italia..... 6500

La vida de un Hombre innecesario..... 6500

Wladimir Korolenko

El Imperio de la Muerte..... 6500

Dr. G. Feydous

La vida trágica de los Trabajadores..... 10500

Jean Masclan

La Educación Sexual..... 10500

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade..... 9500

E. Reclus

La Montaña..... 6500

El Arroyo..... 6000

Octavio Mirbeau

El Calvario..... 6500

P. Kraptchine

La epica, La revolucion e el Estado..... 6500

Luis Fabry

Crítica revolucionaria..... 6500

H. Malatesta

Ideário..... 6500

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov..... 9500

Trotsky. — Constitución política da República dos Sovietes..... \$50

G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha C. de G. O. N. M. — Procriação consciente..... 5500

LA O VELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas coloridas por um bom numero de escritores revolucionários — Preço..... 10500

Pedidos à administração de A BATALHA

Lêdo o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

Telefone N. 5474

Matinée às 3 horas — Soirée às 9 horas

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

A AGUIA NEGRA

Super-produção, tirada do romance de POUSCHKIN, e que tem como protagonista o maior actor «Sicco»

Rodolfo Valentino

o inesquecível intérprete de «Os 4 Ginetes do Apocalypso» A critica reconheceu no papel do tenente Durovsky (Agua Negra) a criação mais completa do saudoso artista.

Duas Cine-Farças

Dois Documentários

Audição especial pela orquestra, sob direcção do maestro Nicotino Milano.

AMANHÃ:

A FAVORITA DO MAHARADJAH

com Karina Bell

A BATALHA na provincia e arredores

Mina de S. Domingos

Acto criminoso

MINA DE SÃO DOMINGOS, 8. — Ontem à noite ouviu-se uma forte detonação. Na manhã de hoje soube-se que esse estampido provinha de um atentado contra o escritório da Associação Agrícola e de Transporte, sinónimo de «Sociedade Alviçareiros e Trampolinos». Verificamos que se trata dum autêntico acto criminoso, não precedido de qualquer «patranha» como a que celebrizou o melodramático ex-gerente Rich. Ficou ligeiramente ferido o sr. Francisco de Oliveira Júnior que, tendo chegado momentos antes a esta localidade, se encontrava naquele escritório. Alguns sócios daquela Associação que também ali se encontravam nada mais, felizmente, sofreram do que um grande susto.

Espera-se a vinda da policia de investigação. A «Sociedade» não goza de simpatia popular. O Comércio local odeia-a.

A «Sociedade» é constituída por «sabujos», capatazes, encarregados, e até um chefe inglês. A Sociedade só tem fim mercantilista — presta no entanto o bom serviço da carreira diária entre Mina-Metrola-Beja. O escritório onde houve a explosão é um quarto de 4.º quadrados. Na porta fez um grande buraco e pelas proximidades há sinais de metralha. Convém estar de atalaia sobre o que dirão os jornais burgueses.

Agremiações várias

Liga dos Direitos do Homem. — O Conselho Executivo requereu ao comando militar de Lisboa, licença para efectuar duas importantes reuniões: uma com os directores dos jornais da capital e correspondentes dos jornais da provincia, tendo por fim estabelecer um acordo para que o noticiário de crimes seja tanto quanto possível sintético, como há anos se faz para noticias referentes a suicídios; a outra reunião é no intuito de se organizar a Federação das Associações de Beneficência Particular, cujas direcções vão ser convidadas a enviar delegados para estudarem o estatuto dessa Federação. A Liga dos Direitos do Homem interessada pela vida dos asilados e semi-internados tomou o encargo de organizar essa Federação por saber quanto é difícil a vida de algumas instituições.

Junta de Freguesia dos Mártires. — A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia dos Mártires, na sua última reunião resolveu que no próximo dia de Natal se distribuisse aos pobres em geral desta Freguesia um bocado em dinheiro a semelhança do que a Junta tem feito nos anos anteriores. Previne-se porisso todos os pobres cujos nomes não constam do cadastro organizado, a fazerem os seus requerimentos e apresentá-los até ao dia 13, não se atendendo nenhum depois desta data.

Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário». — Realizam-se nos dias 1 e 2 do próximo mês de Janeiro interessantes festas, que constarão de um saraú de arte e artistico, e uma «matinée» a que assistirão todos os alunos das escolas desta Sociedade, no numero aproximado de 2.500, com os seus professores, sendo nessa ocasião distribuidos os donativos enviados pelas mais importantes casas industriais e comerciais, por entidades devotas da beneficência publica e por organismos officiais. Para esse fim receberam-se já valiosas ofertas, que serão mencionadas no jornal «A Voz do Operário» a sair em Janeiro, o programa definitivo está sendo elaborado pela comissão, que tem a seu cargo o calçar 300 alunos-dos mais necessitados.

— Nesta Sociedade está aberto o concurso para a construção de duas galerias no seu salão de festas. As condições e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17 horas, na tesouraria da Sociedade.

ACABA DE SAIR:

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, á cobrança, de 7500.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.ª — Lisboa — Portugal.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit.ª — R. dos Trezeiros, 125 — LISBOA.

A' venda na administração de A Batalha.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro de São Carlos

«Aida», ópera em 4 actos, de Verdi

Uma ópera como a «Aida», conhecida extraordinariamente e apreciada a valer, por todos os paladares musicais, demanda uma completíssima, uma equilibrada execução. Desde a orquestra a menos responsabilizada parte vocal, exige-se uma concordância, uma afinidade rigorosíssima. Toda a gente que conhece ópera, sabe de cor muitas frases da «Aida», não é portanto fácil cantá-la sem o perigo do menos versado espectador vir dizer, seguramente, que a ópera foi mal cantada.

A primeira condição pois a exigir para o bom desempenho da «Aida» é a da escolha dum bom regente de orquestra. Ora, estamos precisamente na altura de apreciarmos o que foi esta «Aida» que a empresa Covões apresenta como início da sua actividade no teatro de São Carlos. O maestro Giacomo Armani é uma batuta segura, sóbria, ligeiramente elegante, mas conscientemente entusiástica, quando é preciso. A orquestra sob a sua direcção é maleável, fresca, sem empastamentos, nem precipitações. Os nappes destacam-se e o todo orquestral tem coesão. Não se dirá pois que a ópera em São Carlos não tenha pelo menos um bom chefe de orquestra, e a que esta correspondeu com disciplina.

E a parte vocal? Em primeiro lugar colarrei a soprano Lombardi. A pureza da sua voz, a facilidade com que a conduz, levam-me a afirmar que é das melhores «Aidas» que têm vindo a Lisboa. O terceiro acto foi inexecelvel de precisão. Houve aplausos, fora dos officiais. A meio-soprano Antonietta Toini, embora artista de menor quilate diligenciou interpretar com correcção o papel de «Amneris» e conseguiu. O «Radames» encontrou no tenor Eltore Bergamaschi, um saníssimo intérprete. Não é um tenor com uma apuradíssima escola de canto, mas é um artista que dispõe dum órgão vocal potente, intenso de som nos agudos. O terceiro acto foi um bom exame. No primeiro acto não nos agradou, mas, aquecida a voz, caiu definitivamente no apreço da plateia. O baritone Tagliabne representa e canta, o que não é vulgar. O terceiro acto, cantou-o com sentimento e boa voz. O baixo Pietro com correcção. Os cores afinados, os bailados vistosos e movimentados, tendo a bailarina Ginevra Pratolongo, dançado com leveza, o segundo acto. A banda marcial muito afinada, o primeiro trio de trompetas menos homogêneo do que o segundo.

Notámos a inovação de «Aida», no final do primeiro quadro do 2.º acto, não sair da scena, como é costume, deixando-se cair sobre o toucador da princesa. E' uma variante, mais dramática, mas menos musical. Em resumo pode-se dizer que a «Aida» foi bem cantada, e bom é que o publico o reconheça, não abandonando o teatro.

Nogueira de BRITO

«O Homem e os seus fantasmas»

Alves da Cunha marcou já no teatro português como um grande valor. Dispensa elogios da critica porque o seu talento sobrepõe-se a todos os enómios. No Teatro Nacional, onde actualmente se representa «O Homem e os seus fantasmas», tem Alves da Cunha no antipático papel de «D. Juan» enredo para afirmar as suas altas qualidades artisticas.

Berta de Bivar no papel de «Laura» tem também ocasião para brilhar e Adelina Abranches e a artista perfeita de há muitos anos.

Por todas estas razões «O Homem e os seus fantasmas» recomenda-se áqueles que ainda não o viram.

«Pão de Ló» delicioso

«Pão de Ló» continua em pleno êxito... Apesar disso hoje é o último domingo em que, no Avenida, se representa o consagrado «Audeville», tão celebrado, o «Pão de Ló», fazendo-se este aviso a quantos queiram aproveitar este ensejo para se despedirem da notável peça. «O Pé de Salsão» adaptação de Felix Bermudes, João Bastos e André Brun, sob delimitivamente a scenaria, neste teatro, na próxima sexta-feira, 17, com uma brilhante «mise-en-scene» de Estevam Amarante; o concurso nas danças



INTERESSES DE CLASSE

Os operários do mobiliário perante o seu sindicato de industria

«Cada povo tem o governo que merece», diz a sabedoria das nações. Se esse povo é inepto, a inércia do seu governo, a pusillanidade dos seus dirigentes é manifesta. Se, ao invés, o povo é energico e consegue sair do seu dorso o peso da tirania governamental, esta não existe e o livre desenvolvimento desse aglomerado humano é um facto.

Na vida dos sindicatos, ressaltadas as respectivas distâncias, cada classe tem o seu direito que merece. Se essa classe é refratária a todas as manifestações do progresso, de inteligência humana, o seu sindicato será uma coisa incolor, sem objectivo nem finalidade. Mas se essa classe tiver a noção dos seus deveres e dos seus direitos o seu sindicato será uma força de respeito, uma força com que o patronato não mangará.

O Sindicato Unico do Mobiliário, nascido da fusão das associações profissionais da industria do mobiliário, entrou nos domínios da realidade há seis annos. Da sua acção falam as paginas da historia do movimento operário dos ultimos annos.

Era, então, uma força. A burguesia, o patronato e o capitalismo olhavam-no com o respeito que se deve a um valor. A classe nesse tempo—bem longe já ele via—finha a compreensão do seu valor. Mercaria-o, numa palavra. Porisso o Sindicato Mobiliário era grande, era valoroso e realizou trabalhos muito proveitosos.

Vieram depois varios phenomenos: indifferençismo, scepticismo, descrença. E a classe do mobiliário passou a ter o sindicato que mereceu.

A vida desse organismo na actual emergência é pouco mais do que raquítica. A classe não corresponde aos apelos que insistentemente lhe faz a commissão administrativa. Temos tentado todos os meios para a interessar pela vida do seu organismo de classe. Mas tudo em vão, dir-se-há que nos dirigimos a um cadaver.

Ultimamente enviámos a todos os militantes da industria—por serem estes a quem maiores responsabilidades cabem da situação—um officio convidando-os a uma reunião da assembleia geral do sindicato marcada para a ultima sexta-feira.

Pois apesar deste convite a assembleia não reuniu por falta de comparencia, especialmente dos militantes convidados.

Era esta uma das derradeiras esperanças da commissão administrativa. Depois della fallar um recurso se nos offerece convocar para a terça-feira proxima uma nova assembleia. Se ella não reunir por falta de numero a commissão signataria declara, desde já, que se demittirá colectivamente deixando aos camaradas que abandonaram o sindicato a responsabilidade do que possa succeder!

«Cada povo tem o governo que merece», é verdade. Nós porisso poderíamos tragar nas aguas da indifferença em que tristemente vagam os camaradas com responsabilidades no sindicato.

Mas não queremos conservarmo-nos nesta situação enervante fingindo que andamos, quando estamos parados. Queremos situações claras. Dispomo-nos a trabalhar e a entregar a nossa parte de sacrificio, mas fazemo-lo quando vimos que a classe nos acompanha e que os militantes, responsáveis como nós, abandonam a situação cômoda a que se entregaram. Antes disso, não. Somos sinceros e dignos da nossa condição de trabalhadores!—A Commisso Administrativa do Sindicato Unico do Mobiliário de Lisboa.

CARTA DO PORTO

O saneamento da cidade começa por uma cômica iniciativa da delegação de saúde

PORTO, 11.—Nunca aplaudimos a menor injustiça. São actos que nos repugnam a consciência. Porque assim somos duma «fragilidade» moral, é que nunca podemos levar a bem que houvesse certos zolitos que só estão satisfeitos a criticamente dedicarem nos serviços árduos da profilaxia cittadina, considerando-os mesquinhos, quando não desleixados...

Nós temos agora uma prova frizante da má-fé que esses escarnecedores têm por si esmurvado em determinadas occasiões. El-la: «A delegação de saúde do Porto officio ao sr. governador-civil pedindo-lhe que recomende a Companhia Carris o uso de estores, ou cortinas, nas janelas dos electricos, pois nalguns carros faltam e o sol entrando livremente prejudica a saúde dos passageiros»...

«Querem melhor prova de solicitude, de dedicação, de policimento esmerado pela respeitável saúde pública? A delegação de saúde já mais abandonou a sua tarefa, é mesmo incansavelmente zelosa no seu papel saneador»...

Bem sabemos que há inúmeras ruas imundas, que possuímos bairros repugnantemente infectos que estão a corroer, por uma infinita legião de miasmas, uma infância e uma mocidade completamente despezada. Na travessa Nova do Regado há, por exemplo, uma «ilha» que é um autêntico estercório. A sua proprietária, por uma questão de obrigar os seus inquilinos a pagarem mais dinheiro, muito benemeritamente mandou tapar o escaudouro que dava vazão ás imundices. Essas imundices, agora, entram pelas casas dentro. Isto não é um caso esporádico, repete-se por essa cidade fora sem o menor respeito pela hygiene publica...

Mas, senhores, ou os referidos delegados hão-de, numa persistência esfaltante, estar a contar as cortinas ou stores que faltam nos carros electricos e a ver por que lado dos pontos cardaes lhes entra o sol—ou a visitoriar todas essas indifferências, todas essas lardas, que por aí pululam vergonhosamente. Os poios que por aí possam existir, não lhes interessa: eles moram em locais isolados da podridão dos bairros pestilentos... O sol pode-lhes constipar as suas doudas carecas: é que eles, á falta de automóveis, viajam nos electricos...

A nossa delegação de saúde! Até parece exclusiva do Severiano... Que pândegos...

CARESTIA DA VIDA

Os comerciantes do Porto reclamam a «liberdade» de latrocínio

PORTO, 11.—De vez em quando dá-nos para ouvir as conversas dos nossos semelhantes. Não é porque tenhamos hábitos mexeriqueiros, mas porque desejamos, de tempos a tempos, conhecer a pulsação psíquica desta população vilipendiada. Pelos seus humores, tristes ou alegres, tranquilos ou exaltados, é que se poderá fazer a historia da evolução positiva ou negativa do caracter dos nossos estimáveis patricios.

Assim, ouvimos ontem em plena rua este dasabafo partido de um grupo de pessoas restrito, como de um aglomerado revolucionário:—«Isto é uma tremenda pouca-vergonha! A-pesar-das repressões que o governo está a fazer, os generos estão a subir escandalosamente! São os ovos, é a hortaliça, é o bacalhau, é o açúcar, numa palavra: é tudo quanto lhes dá na real gana...»

Adultera-se na mesma, assambarca-se na mesma—se não pior ainda. O nosso comércio tem uma habilidade extrema para exercer o torquar e ludibriar... Finge que tem vergonha, mas não tem vergonha... É a quinta-essência da publico mercantil—pelo que chegou á conclusão de que só uma lição-trepa, mestre, dada por todos os lesados desdambados em molim, é que algo poderia tirar de exemplar aproveitamento...

Já vemos que as ordenações governamentais, a despeito de toda a sua energia e boa vontade, não conseguem meter na ordem essa cáfila de abutres. Nem as apertadas fiscalizações, nem as pesadas multas, convencem a mudar de rumo os nossos honradíssimos comerciantes!...

E logo alguém servindo-se da última del-xa:—«Pois é precisamente por isso, precisamente devido ás pesadas multas que muitos comerciantes têm pago na volta dos julgamentos sumários, que os detentores dos generos, abespinhando-se como um gato irado a quem lhe calcassem o rabo, sobretaxam ainda mais os preços dos generos... Os ordenados ou têm baixado ou conservam-se como estavam. O câmbio já não pode constituir aquelle oscilante espectro de terror ao qual se agarravam para as suas tranquiherias... Alguma coisa se necessitava para a continuação da patifaria.

As ultimas repressões, que os comerciantes julgam cruéis, brutais, mas que os que o não são ainda encontram nelas uma brincadeira insuficientíssima—são as novas bases para a ladroeria. Deixemo-nos de cantigas: o povo tem de pagar bem as diferenças—e nós estamos no Natal, em cuja festa da familia a tradição manda que se escote a tua da dose mente, espanejando-lhes

bem todo o cotão, todas as bolsas, ricas ou pobres, dos compradores...»
«—Então as repressões, reconhecida a sua insuficiência pela multa e raras vezes pela cadeia, devem pôr-se de parte?»—pregunta alguém intrigado.

«—Não; apenas deviam ir mais longe: até á expropriação firme dos estabelecimentos, que deveriam ficar a funcionar duma certa maneira muito especial...»

No entanto, numa reunião a-propósito da questão vinheira, apregoaram aos quatro ventos a liberdade, não uma liberdade contra-gotada, uma liberdade sovina, miserável, mas uma liberdade digna da nossa própria época de expansões: uma liberdade absoluta...

Vê-se, portanto, que o espirito de liberdade se radica em toda a parte, até na Associação Commercial, até nos Sindicatos Agrícolas, até na Federação destes mesmos Sindicatos de lavradores-negociantes...

O que apenas existe é diferentes formas de conjugar essa liberdade. Os comerciantes, vinheiros ou não, berram contra o Estado pela sua liberdade... absoluta de comércio. Ora a sua liberdade absoluta de comércio é para poderem, impunemente, mistelar á vontade os produtos criados pela Natureza e cuidados pelo esforço hercúleo dos trabalhadores escassamente remunerados—para poderem livremente, vendê-los depois pelos custos orientais que lhes agraiver...

Ora esta liberdade absoluta torna-se tirania absoluta quando não reconhece a liberdade absoluta que os consumidores e os verdadeiros produtores têm de defender as suas bolsas, o seu pão, a sua vida ameaçados...

Então não é muito interessante, por exemplo, o sr. Manuel Pestana da Silva, jesuita até á medula, reclamar para os seus interesses liberdade absoluta, quando é um dos verdugos da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal que não reconhechem o direito sagrado do seu pesoal ganhar o suficiente para levar a tal vida honrada e livre de vergonhas do mundo? Quando é um dos paties que escravizam os desgraçados que estão debaixo da sua alçada? Tartufos!—C.

ASSINEM Os mistérios do Povo

EM CEZIMBRA

Um acto condenável que fica impune

CEZIMBRA, 10.—A educação burguesa produz os grandes degenerados. O filho do farmacêutico desta localidade, Fernando Lopes, é um vivo exemplo da educação que os burgueses de vária categoria dão aos filhos.

Os actos destes degenerados andam sempre a coberto de grandes protecções. Assim, o atentado repugnante praticado pelo «menino Fernando» vai ficando impune, no recato de influências que pretendem mesmo occultá-lo do comentário publico.

Ana Rosa Piedade é uma criança—conta apenas doze annos e meio. A ignorância própria da sua idade é accentuada ainda pela ausência de uma educação que os seus pais, operários de nenhuns recursos, não puderam proporcionar.

Como não pudessem viver do remanso indolente, a Ana Rosa teve de dar rumo á sua vida, sendo admitida em casa do farmacêutico Mário Lopes.

Foi nesta casa que se praticou um atentado odioso. O «menino Fernando» atirou a pequena Ana Rosa e desforçou-a.

Como o «Fernandinho» sofria de molestia contagiosa, a rapariga ficou logo contaminada. Teve de se apresentar ao sub-delegado de saúde, que constatou o facto. Apertada com perguntas, Ana Rosa confessou o acto praticado pelo «menino Fernando». Então, o sub-delegado declarou que já conhecia a molestia do Fernando.

A rapariga foi para o hospital, onde se encontra em tratamento. Os pais apresentaram queixa ao administrador, que, depois de varias diligencias, teve o exacto conhecimento do caso.

As autoridades, porém, resolveram abafar o caso, declarando o administrador do concelho que não queria assumir a responsabilidade da prisão do Fernando.

O juiz de paz também aconselhou os pais da Ana Rosa a não se mexerem mais, para que não haja escândalo publico. Este conselho é de primeira ordem... Enfim, a impunidade para um acto infame, só por ter sido praticado pelo filho de um baixo burguês.—E.

Caixa de Assistência e Previdência aos Officiaes e Tripulantes da Marinha Mercante Nacional

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com a alinea b do art. 70.º dos estatutos desta Caixa é convocada a reunião a assembleia geral no dia 13 de Dezembro, pelas 17 horas, na rua Fernandes Tomás, n.º 52, 1.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Votação dos candidatos ao Conselho Administrativo e Conselho Fiscal pela parte da Classe dos Radio Telegrafistas.

2.º Apreciar um parecer do Conselho Administrativo sobre a melhor execução a dar aos estatutos.

Se não comparecer numero legal para a primeira convocação, fica desde já convocada a 2.ª reunião para uma hora depois com a mesma ordem de trabalhos.

O Presidente da Assembleia Geral,

(a) J. dos Santos

SANGRADO CORAÇÃO

UMA ALMA RELIGIOSA ARDENDO EM FÉ

Pelo correio, não sollicitamente carinhosa tem-me enviado, por varias vezes, algumas dessas orações jesuíticas que para aí se distribuem aos milhares, nas igrejas, á porta, pelas ruas, ao domicilio—como o carvão ou a hortaliça.

Nunca fizemos caso dessa correspondência fanática, por não sabermos se ella é destinada a fazer-nos converter ás leis divinas do conspurcado Jesus Cristo pelas maroteiras continuas dos sotaques, se é para nos arrancar algumas palavras de tosa nessa propaganda nefanda, mas incansável, que a seita religiosa vem de intensamente desenvolver em todo o país—e que dão um magnifico exemplo á envergadeira passividade dos nossos livre-pensadores enroscados na quente cumplicidade do seu comodismo...

Destá vez, porém, uma dessas orações que intencionalmente nos endereçaram, serve ás mil maravilhas para um caso que nos contaram. Desde já declaramos que a dita oração, o 14.º officio, se refere á alma saciando a sede do sagrado Coração, editada num otavado papelucho pela «Archi-confraria da Guarda d'Honra do Sagrado Coração de Jesus»...

Depois de citar a mystica Samaritana que deu de beber ao sequioso Rabi, o officio-oratório tem esta interessante passagem, que fielmente foi posta em pratica em termos de Trás-os-Montes: «Tendes sede de amor? Pois bem, praticarei numerosos actos d'amor durante a minha hora de Guarda! Quereis provas de amor? Quero fazer todas as minhas acções com o fim de vos agradar, de saciar a sede que consume o vosso divino Coração! Oh! como Jesus vos amará, vos agradecerá e vos abençoará!»

E termina a reza com estes dois alexandrinos:

«Senhor, se vos bastasse um coração fremente, O meu batê por vos, e sempre eternamente.»

E claro que em coisas de amor, é sempre belo, bizarramente emocionante, meter-se um versinhos sensuais a arriparem a espinha dorsal dos amantes...

Ora aí para cima, para Pegarinhos, uma das freguesias do concelho de Alijó, distrito de Vila Real, há um reverendo officiante que não desconhece aquella apetitosa lenga-lenga espalhada aos quatro cantos do país pela aludida «Archi-confraria», que afirma ter sido erecta por S. S. Leão XIII na Igreja das Religiosas da Visitação de Lisboa (Belem)...

Tratou, pois, de insuflar no ânimo das

religiosas que frequentam o templo onde impinge os seus elixires católico-apostólico-românicos, aqueles passados doutrinaes de sacristia bordeleira...

Como ministro de Deus, encarnou-se de Cristo na terra onde pastoreia. E voltando-se, bem ensaiado do papel, para as suas hipnotizadas, gritou-lhes, como o Divino Mestre:—«Sítio! Tenho sede!»

Duas das religiosas, que sabiam que o coração do padre, que naquella altura representava o coração de Jesus, outra coisa não poderia querer, como este, senão lenitivos de amor—entregaram-se-lhe, ardendo em fé...

O padre podia apenas aceitar as provas de amor de uma só. Mas como a sua sede era mais devoradora do que a do seu biblico representado, quis que as duas praticassem numerosos actos de amor durante a sua hora de guarda, porque

Senhor, não lhe bastando um coração fremente, Dois quis lubrificá-lo, e sempre eternamente...

Emquanto o bom do clérigo se entreteve a usufruir as acções das duas amantes que as praticavam com o fim de lhe agradar, de saciar a sede que consumia o seu santo coração, a coisa bem foi caminhando... Desde, porém, que principiou, na ânsia de maior saciação da sede de amor, a tecer umas intrigas, uns mexericos, uns enrodelamentos, entre as outras devotas, fazendo as andar numa duvida de ralhos, o feitiço foi-se voltando contra o feitiço...

As mulheres foram-se aborrecendo da linguarice envenenadora do padre. Que se agitassem com as duas amásias, vá c'os diabos. Mas que andasse com as outras nos dentes, isso é que não se admitia...

Um dia, umas mais exaltadas esperaram...

...a não saída da casa de Deus...

E aqui as corações, estando tão sedentes, Não bateram, j'imbá, e sempre eloquentes...

Quere dizer: partiram-lhe a cabeça, cujo coronal se tiguê de um vermelho viscoso, semelhante ao de Cristo espiçado pela coroa de espinhos...

Arre! Para ter juízo e terminar com tanto escândalo...

E aí está como uma das orações que fiveram a gentileza de nos enviar, fica muito enquadra nesta historia simples occorrida em Pegarinhos, para as bandas de Alijó...

Mandem sempre...

C. Vieira dos SANTOS

O estrangeiro através do telegrafo

A ária do desarmamento

PARIS, 11.—Depois de haver tomado conhecimento do relatório dos peritos, que anteontem de manhã tinham ouvido o general von Pawell sobre o estado de desarmamento da Alemanha, o conselho dos embaixadores, reunido ontem, constatou não terem sido ainda satisfeitas as reclamações relativas ás fortificações da fronteira oriental e ás que dizem respeito á exportação de material de guerra. Todos estes factos foram objecto de uma nova comunicação enviada para Ginebra.—(L.)

Interesses metalúrgicos

PARIS, 11.—Os delegados da industria metalúrgica francesa, belga, luxemburguesa e alemã resolveram admitir no seu seo um representante da Tchecoslováquia.—(L.)

Muito amigos

GENEVA, 11.—Annuncia-se como imminente a assinatura do tratado de amizade e arbitragem italo-germânico.—(H.)

As invés de Portugal...

PARIS, 11.—A Companhia Sud-Atlantica que conseguiu que os combóios especiais ligando em Bordeaux com os seus serviços acelerem a marcha de forma a permitir aos passageiros jantarem a bordo. O primeiro barco a aproveitar o novo horário será o «Massilia».—(L.)

Da cara descoberta...

TREBIZANDA, 11.—O «Ovali» turco proibiu ás senhoras muçulmanas o uso do tradicional véu sobre o rosto.—(H.)

Trágico incêndio

ROMA, 11.—Ontem á noite declarou-se um violento incêndio no teatro Apolo, no qual perderam a vida quatro atizes. Os prejuizos são elevadíssimos.—(L.)

Adens Constantinopla...

ANGORA, 11.—Segundo se afirma nos circulos politicos, a Assembleia Nacional propõe mudar o nome de Constantinopla para Mustafá-Kemal, como homenagem ao presidente.—(L.)

A fúria dos elementos

SANTIAGO DO CHILE, 11.—Várias cidades do norte da China, incluindo Copiato e Caldera, na provincia de Atacama, foram tortemente sacudidas por um abalo scismico.—(L.)

Nova Constituição grega

ATENAS, 11.—A câmara aprovou o regimento para o debate sobre a reforma da Constituição, tendo em vista assegurar a sua ratificação parlamentar dentro de curto prazo.—(L.)

Tratado de arbitragem

ROMA, 11.—O «Popolo de Italia» dá para muito breve a assinatura do tratado de arbitragem entre a Italia e a Alemanha.

Propaganda anti-alcoólica

Na Sociedade Naturista, rua da Madalena, 225, 1.º, ás 21 horas, realiza-se hoje uma sessão de propaganda anti-alcoólica em que falarão os srs. Dr. Bentes Castello Branco, Horácio Tavares, Lion de Castro, Luciano Silva e José Peralta, sendo a entrada publica. No final encerra-se a inscrição para um curso popular de hygiene individual próprio paápio para jovens, senhoras e adultos, e para o proletariado em especial

Vida Sindical
C. G. T.

Comité Confederal

O Comité previne os organismos adherentes de que devem, desde já, fazer as requisições dos selos confederaes a usar no próximo ano, em virtude de a sua cor ser diferente da dos actuais, conforme o que se tem feito nos annos anteriores.

Comunicações

Federação Rural.—Reuniu em 7 do corrente a commissão administrativa que appreciou officios dos Sindicatos do Cano e São Romão, o primeiro sobre o direito de pagamento a testemunhas que sejam chamadas ao tribunal, e o segundo sobre a venda de um bocado de terra para construção de novas habitações e sobre uma herdade que está em charneca porque ha 20 annos não é semeada. Foi resolvido responder a estes officios.

Convocações

DIAS PRÓXIMOS
Federação da Construção Civil.—Secção de Propaganda do Norte.—Reúne na proxima terça-feira, ás 20 horas, na rua de Entreparedes, 33, 1.º.

Compositores Tipográficos.—Reúne terça-feira pelas 17,30 horas para continuação dos trabalhos pendentes.

União Textil.—Reúne terça-feira a direcção para tratar assumptos que carecem de immediata resolução.

Reunião das Federações.—As Comissões administrativas e delegados á C. G. T., amanhã ás 21 horas.

Sindicatos da provincia

Soldadores de fábricas de conservas de Setubal.—Reúne em assembleia geral no passado dia 9. Presidiu João Chumbeta, secretariado por José Cavacas e André Duarte.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior, tratando-se em seguida da situação de varios trabalhadores despedidos, um da fábrica Perdigão e três da fábrica Ernest Piccapan, ficando resolvido após ligeira discussão pagar-se ao primeiro como grévista e fazerem-se turnos na fábrica Piccapan para que os camaradas em questão possam trabalhar 3 dias por semana.

Em seguida o presidente da direcção apresenta a lista dos corpos gerentes para o ano de 1927, assim constituída: assembleia geral: presidente, Domingos Rosa; 1.º secretario, José Cavaco; 2.º secretario, José Liberato; director, presidente, Lopes Silva; secretario, Manuel Sousa; tesoureiro, João de Deus; vogais, Anibal da Fonseca e José Costa.

Inabilidade: presidente, João Correia; secretario, Júlio Gomes; conselho fiscal: presidente, João Maria; secretario, Jorge da Silva; relator, André Duarte; delegados á U. S. O: Manuel de Sousa e João de Deus.

Reúne na proxima terça-feira em assembleia geral para continuação de varios trabalhos.

S. U. da Construção Civil do Porto.—Reuniu a commissão administrativa que appreciou diverso expediente.

Nomeou o secretario geral delegado á sessão solene comemorativa do 1.º anniversário da escola mantida pela Secção Juvenil dos Manipuladores de Pão e resolveu dar a sua adesão moral á Liga de Acção Educativa.

Resolveu mais promover no dia 21 do corrente uma reunião de militantes e simpatizantes do sindicato a fim de se occupar de um assumto importante para o sindicato. Por ultimo foi resolvido proceder á venda de varios artigos da escola dramatica.

Juventudes Sindicalistas

Federação.—Secção de Propaganda do Norte.—A fim de resolver assumptos de grande importancia reúne, imprevisivelmente, na proxima terça-feira, ás 21 horas precisas.

Dada a importancia dos assumptos a tratar espera-se a comparencia de todos os membros.

Tribunal de Desastres de Trabalho

Os julgamentos de ontem

Realizaram-se neste Tribunal os seguintes julgamentos:

Francisco Tavares, operário da Fábrica de Louça de Sacavem, que ficou com uma incapacidade permanente e parcial, condenada a Companhia de Seguros «La Preservatrice» a pagar ao sinistro a pensão mensal de 34\$25 a partir de 2 de Julho de 1925, desvalorização fixada em 20 % sobre o salário diário de 24\$03.

Jaime de Faria, official de marinha mercante, immediato do vapor «Carcavelos» que teve quando ancorado em Hamburgo, um forte resfriamento que o impossibilitou para o exercicio da sua profissão desde o dia 10 de Março de 1925 e que estava segurado contra riscos de desastres no trabalho na Companhia de Seguros «Lex», a sentença ficou para ser lida no proximo dia 3 de Janeiro de 1927 pelas 14 horas.

Realizaram-se também ontem as seguintes conciliações:

Elisa Rodrigues Pais, viúva do ex-conductor da Carris, Constantino José Xavier, segue para julgamento.

António Nunes Amaro, carroceiro, contra a Companhia de Seguros «Lex», que accordou em pagar ao sinistro 213 do seu salário enquanto durara a sua incapacidade para o trabalho. Realizaram-se também os exames medicos de Baptista da Silva, Augusto Monteiro, José da Costa, segurados na «Lex»; Abílio Agostinho Cardoso, segurado na «Mundia» e no proximo dia 17, pelas 15 horas, têm lugar as seguintes conciliações: Antero da Costa, Joaquim Verissimo Carvalho de Sousa, Joaquim Verissimo Valadas, Manuel dos Santos, José Rosa, Luís de Carvalho e Emilia de Jesus de A. breu